

Burrice, Infidelidade e Adaptações

Por Carlos Gerbase*

De acordo com o livro *THE ART OF ADAPTATION: TURNING FACT AND FICTION INTO FILM*, de Linda Seger, 85% dos filmes que ganharam Oscar de Melhor Filme são adaptações, 83% das minisséries de TV americanas recentes são adaptações, 95% das minisséries de TV americanas que ganharam prêmios Emmy são adaptações, 45% dos filmes produzidos para TV são adaptações e 70% dos filmes de TV que ganharam o prêmio Emmy são adaptações.

Mas alguns dos mais espetaculares fracassos da história do cinema americano também são adaptações: *HEAVEN'S GATE* (O PORTAL DO PARAÍSO) quebrou a United Artists, *RAISE THE TITANIC* (AFUNDEM O TITANIC) acabou com a Marble Arche Productions, os produtores da versão cinematográfica de *A CHORUS LINE* pagaram um milhão de dólares pelos direitos autorais da peça, e o público (do filme) foi ridículo se comparado com o sucesso da Broadway.

Ou seja, a adaptação ocupa um lugar importante na indústria audiovisual e continua sendo uma fonte fundamental dos roteiristas, mas não é garantia de sucesso. E a eterna questão permanece: como transformar uma obra em outra, uma linguagem em outra, mantendo suas qualidades básicas? As respostas variam bastante. Nelson Rodrigues, quando questionado a respeito das muitas versões extraídas de seus livros, dizia: "Sejam burros!". Ser burro, no caso, deve ser levar para o roteiro o texto original sem qualquer modificação importante. Nelson Rodrigues estava cansado das tentativas frustradas de adaptação "criativa" de seus romances e peças teatrais. Ele queria uma fidelidade burra, em vez de alterações inteligentes.

Mas vejamos o texto final da primeira parte de *ENGRAÇADINHA*: "Ela tombava para o túmulo vizinho; projetava seu corpo contra a quina da pedra. Protegendo-a, Zózimo passava-lhe a mão pelos cabelos. Ficou assim alguns instantes, com um movimento quase imperceptível. E, súbito, quando mais delirante era a apologia fúnebre

do orador, Engraçadinha começa a soluçar violentamente. O orador chega a parar, desconcertado. Trincando os dentes, hirta de volúpia, ela parecia agonizar e morrer nos braços de Zózimo. Seu grito final vibrou, perdidamente, em todo o cemitério".

Trocando em miúdos, coisa que nem todos os burros conseguem, verificamos que a cena descreve o momento em que Engraçadinha, durante o enterro do pai, em meio aos discursos fúnebres, não só pratica masturbação, roçando-se contra a quina de um túmulo, como também atinge o orgasmo e grita, interrompendo o orador. Ora, "lendo" este parágrafo rodriguiano já se evidencia, pelo menos para mim, uma grande dificuldade de engolir a ação. Não há quem acredite que, durante o enterro do pai, uma adolescente consiga masturbar-se, na frente de centenas de pessoas. Imaginem este trecho convertido "burramente" para imagens e sons. A menina aproxima-se na quina de um túmulo, começa a roçar-se, e por aí vai...

Detesto censura. Detesto moralismo. Mas, aqui, a questão não é ética, e sim estética. É absolutamente impossível traduzir em imagens o que acontece no livro, pois o que antes estava no limite da verossimilhança, enquanto palavra, ultrapassa em muito qualquer credibilidade enquanto imagem. Ser burro, nesse caso, seria ser um péssimo adaptador.

Este não é um exemplo isolado. Muitas vezes o que funciona enquanto texto literário ou teatral não funciona em cinema ou na TV. Cabe ao adaptador encontrar soluções para manter a essência da obra original num novo original, que pode (e quase sempre deve) ser infiel e inteligente. Os burros e seus simpatizantes que me perdoem, mas a burrice é o caminho mais curto para o desastre político e estético.

*Cineasta, Jornalista e Professor do Curso de Especialização em Produção Cinematográfica da FAMECOS/PUCRS.